

PROFESSORES OU SEMIDEUSES?

Claudiane Beatriz Ely ¹

INTRODUÇÃO

A educação, direito de todos, abrangente além de uma dimensão individual também uma dimensão coletiva é oficializado no ato pedagógico pelos profissionais da educação, os professores.

Exigente de vários saberes, implica qualidades pessoais promotoras da interpessoalidade da relação pedagógica através da exemplaridade dos docentes como modelos que são.

Complexo e difícil, de enquadramento cultural e social, o ofício docente define-se por incertezas e dificuldades na avaliação de resultados que manifestam-se apenas em médio e longo prazo. Sua imprevisibilidade nas diversas situações pedagógicas requer grande maturidade e flexibilidade, encontrando-se em constante concorrência com outros atores sociais como as famílias e religiões. (MONTEIRO, 2005, p. 38)

Por se tratar de um bem público, individual, social e global, efetivado numa relação profissional assimétrica, é um ato de grande responsabilidade ética e política.

- Um professor, designadamente, não é profissional apenas da instrução. Mais do que apenas instruir, exerce sobre as crianças, adolescentes, jovens ou adultos com quem trabalha uma influência geral, mais ou menos continuada, que é tanto maior quanto menor for a sua idade. É, com os pais, uma referência privilegiada na formação da sua personalidade. A sua função não está circunscrita aos objetivos da sua matéria de ensino. Concorre para a realização transversal dos objetivos comuns ao respectivo ciclo de estudos e dos fins gerais que devem inspirar toda a educação. Instrução e educação são duas faces indissociáveis da profissão docente, a todos os níveis. Mas não é profissional de qualquer educação, é profissional do direito à educação, tal como se encontra definido e prescrito pelo Direito Internacional da Educação, incorporado no Direito Constitucional e desenvolvido nas leis da educação. (MONTEIRO, 2005, p. 39)

Como citado por Monteiro, não cabe ao docente a educação de modo geral, mas aquela de direito, prevista na constituição e nas deliberações internacionais.

¹ Mestranda do Curso de Educação da Universidad de La Empresa - UY, fisikla@gmail.com;

Deste modo, a presente pesquisa objetivou a obtenção de dados empíricos que contribuam para o embasamento das afirmações de senso comum realizadas na tese da mestranda sobre a ética deontológica docente.

Neste sentido pretende-se avaliar como os professores se sentem em relação a cobrança ética e moral social, identificando situações recorrentes ao ofício docente.

Através da aplicação de um questionário eletrônico, formulado na plataforma Google Doc's, identificaram-se várias situações desde assistencialismo, orientação da vida pessoal, cobrança afetiva, resolução de problemas familiares, controle da vestimenta e tatuagens, além de atitudes extraescolares tomadas pelos docentes são situações recorrentes ao cotidiano docente e cobradas pela moralidade social.

Os professores relatam sentimentos negativos como cansaço emocional e físico, desconforto, culpa, coação, desvalorização, insuficiência e sentimento de injustiça em relação à cobrança social, considerando-a descabida, excessiva, exagerada, sobrecarga e motivo para não haver mais um excelente trabalho, desvio funcional e responsabilização da escola pelas obrigações familiares e assistenciais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo inserida no paradigma pós-positivista, de abordagem qualitativa com objetivos que a classificam como de ordem descritiva contando com um instrumento que trata de um questionário eletrônico a ser respondido por docentes de qualquer um dos segmentos educacionais (infantil, fundamental e médio), sem critério de seleção a não ser estar atuando em escola atualmente. O envio do link do formulário se dará através de mídias sociais e grupos de WhatsApp que a pesquisadora tenha acesso para enviar. Esse questionário será elaborado na plataforma Google Doc's devido a sua facilidade de acesso e utilização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram elaboradas seis questões, das quais três fechadas e três de múltipla escolha e/ou abertas. Na primeira questão: "Relacionamento com os pais, alunos colegas de trabalho e até mesmo fora do horário de trabalho. Muitas são as cobranças na postura profissional do

professor "você é um espelho para seus alunos". Essa cobrança é recorrente no seu cotidiano extraescolar?" 100% dos participantes responderam que sim.

Na segunda pergunta: "Você se sente cobrado socialmente pelas suas posturas e decisões enquanto professor? Descreva uma situação vivida se quiser." 19 participantes responderam que se sentem cobrados sim e descreveram inúmeras situações desde cobranças com postagens em redes sociais, com as vestimentas fora da escola (no caso short e regata na praia), atitudes como fumar ou beber em festas que são criticadas e foram situações já vividas pelos docentes.

Ainda, uma pessoa respondeu que não sente essa cobrança e outra pessoa não tinha uma situação para descrever.

Na terceira pergunta: "Você já chegou a se encontrar no dilema "o quê a sociedade vai pensar se me ver fazendo isso?" 20 (83,3%) dos participantes responderam que sim e 4 (16,7%) dos participantes responderam que não.

Na quarta pergunta de múltipla escolha: "Quais cobranças você já percebeu sendo dirigidas a você além da responsabilidade com a aprendizagem do estudante?" 20 (83,3%) participantes marcaram a opção de prestar orientação pessoal da vida do aluno; 18 (75%) já tiveram cobrança afetiva além do ofício docente; 16 (66,75) já foram cobrados a desenvolver papel de cuidador ou até dos pais 16 – 66,7%; 15 (62,5%) prestar assistência social à criança (limpar, vestir, etc.); 15 (62,5%) Resolver problemas familiares.

Ainda foram obtidas outras respostas como: "Sinto que muitas vezes as cobranças vem de mim, tendo em vista que o professor é o "único porto seguro" da criança." Nota-se uma fala já engendrada na sociedade, uma visão de segurança na convivência do professor com o educando que muitas vezes é maior do que na família. Por ter essa convivência diária, na maioria das vezes, é que o aluno sente-se seguro em falar das suas suas necessidades ao professor, sejam elas afetivas ou materiais. O problema da sociedade incorporar esta fala de que o docente é o "único porto seguro" da criança é que espera-se muito além do seu ofício de mestre. E o que é muito contraditório é por um lado o docente ter este endeusamento e por outro não ter a valorização social e financeira para tanta expectativa e responsabilidade na sua atuação na vida de todos, porque todos na fase inicial da sua vida passam pelas portas da escola por pelo menos 14 anos.

Outra resposta adicionada foi que o docente teve que dar medicação e acompanhar a criança ao psiquiatra. Neste fato já ultrapassa-se a barreira de qualquer exigência profissional cabível ao ofício docente. Está mais do que retratado que não há limites para os favores aos quais um professor chega a se dispôr, porque com certeza não foi dado espaço no seu período

de trabalho para acompanhar a criança e, apesar de ter realizado a ação de bom grado, pensando no melhor para o estudante, o docente envolveu grandes riscos de indisposição com algum familiar e conseqüentemente no trabalho. Mesmo à pedido o docente não deveria se dispôr a tal tarefa, uma vez que o tratamento e acompanhamento da saúde mental da criança cabe à família e, mesmo em favor, dependendo da interpretação familiar, poderia responder a inúmeros processos por isso.

Ainda, “O que eu posso ou não postar em minhas redes sociais”, “Olham mais para a tatuagem do que para meu rosto ao conversar” e “Saber identificar todos os transtornos e nunca sentir-se cansada”.

Referente a antepenúltima resposta algumas escolas e até mantenedoras orientam aos docentes não aceitar alunos em suas redes sociais para evitar problemas futuros devido ao quê podem vir a falar sobre a vida pessoal do professor, o ideal indicado é até que não se tenha redes sociais.

Quanto às tatuagens vê-se claramente a manifestação de uma sociedade conservadora, que não admite manifestações fora dos “padrões”, já iniciando pelas vestimentas citadas anteriormente. Historicamente as tatuagens são oriundas de situações mal vistas como de prisões e associadas à rebeldia, ligando as pessoas tatuadas a imagens como “baderneiras”, “vagabundas”, “marginais” e outros derivados que não podem ser atribuídos aos docentes.

Já em relação a identificação de transtornos espera-se que o professor diagnostique, o que muitas vezes não é bem aceito pelos familiares e quando o professor deixa de fazê-lo torna-se incompetente por não ter diagnosticado. Acerca do diagnóstico é importante ressaltar que não cabe aos docentes essa tarefa, o que no máximo podem fazer é orientar os pais sobre a suspeita em relação a algum comportamento atípico e solicitar que busquem o diagnóstico com os especialistas da área.

Na quinta questão: “Numa escala de 0 a 10, como você se sente quanto à cobrança moral e ética da sociedade em relação a sua profissão?” 1 participante atribuiu 0 (zero) a esta pergunta, o que é arbitrário à primeira pergunta na qual respondeu sim para a cobrança social extraescolar; 1 participante atribuiu 3 à questão; 1 participante atribuiu 7; 7 participantes atribuíram 8; 9 participantes atribuíram 9 e 5 participantes atribuíram 10. Note que 21 dos 24 participantes (87,5%) atribuíram um grau de cobrança bastante elevado à cobrança moral e ética que sentem, entre 8 e 10.

Na última questão “Você acha devida essa cobrança? Por que? Como você se sente em relação a isso?” é possível compreender como o docente se sente em relação a essa alta cobrança, se está tudo bem com isso ou se acha indevida. Nesse sentido a maioria dos

docentes retratou sentimentos negativos como cansaço emocional e físico, desconforto, culpa, coação, desvalorização, insuficiência e sentimento de injustiça em relação à cobrança social, considerando-a descabida, excessiva, exagerada, sobrecarga e motivo para não haver mais um excelente trabalho, desvio funcional e responsabilização da escola pelas obrigações familiares e assistenciais. No entanto 3 dos respondentes consideram que a cobrança social é devida sim porque os professores devem dar exemplo e são o espelho da sociedade. Já outros 3 não sentem ou não se importam com essa cobrança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se no discursos dos docentes um grande grau de descontentamento e indignação em relação às cobranças éticas e morais que a sociedade remete a eles enquanto profissionais. Profissionalismo este que não é reconhecido na sua valorização financeira e social.

Os professores não se eximem do seu papel de “espelho” ou “exemplo” que devem dar e ser para a sociedade, mas sentem-se injustiçados com a cobrança exagerada e com tantas instâncias que sentem que precisam dar conta uma vez que a família está lhe repassando as próprias responsabilidades básicas, muito além do compromisso com a aprendizagem, que deveria ser o maior ofício laboral docente.

A principal dificuldade encontrada no desenvolvimento do estudo foi a baixa adesão dos docentes para a realização do questionário, dificuldade esta também encontrada em outros estudos na área da educação que limitam o desenvolvimento da pesquisa no campo. Vê-se aí a própria desvalorização profissional que não reconhece na pesquisa o avanço da profissionalização e credibilidade social do ofício docente. Promovemos a realização de pesquisas pelos estudantes e não valorizamos as pesquisas da própria área de domínio. É um discurso bastante recorrente no campo educacional, infelizmente.

Palavras-chave: Moral, Ética, Docentes, Cobranças Sociais.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, A. REIS. Deontologia das profissões da educação. Almedina, 2005.